

Séculos XVI e XVII (Brasil e Geral)

Resumo

A Europa, nos séculos XVI e XVII, vivia o que chamamos de Antigo Regime. A maioria dos Estados Nacionais que foram se construindo ao longo da Idade Moderna adotaram como forma de organização política o absolutismo monárquico. Esse sistema de governo se caracteriza pela concentração excessiva de poderes nas mãos do rei. Do ponto de vista econômico, adotou-se o mercantilismo, conjunto de práticas em que o rei detinha controle sobre a economia e objetivava acumular riquezas para o seu reino. Um dos princípios do mercantilismo era o metalismo, também chamado de bulionismo, que quantificava a riqueza de acordo com a quantidade de metais preciosos acumulados. Além disso, as práticas mercantilistas previam a manutenção da balança comercial favorável, um caminho para que as riquezas não deixassem o reino.

Do ponto de vista social, a sociedade permaneceu estamental, ou seja, com baixíssima mobilidade social, onde o primeiro (clero) e segundo (nobreza) estamento tinha sua posição determinada pelo nascimento. O terceiro estamento era um grupo heterogêneo, composto pela burguesia, camponeses, trabalhadores urbanos, enfim, todos os que não fossem nobres. Estes, a grande maioria da população, eram os únicos que pagam impostos, ou seja, os privilégios feudais foram mantidos.

Nesse mesmo contexto, a Europa colhia os frutos da expansão marítima e comercial. O sistema colonial, articulado ao mercantilismo, garantia que as colônias europeias na América gerassem riquezas ao velho do mundo. No caso da América Portuguesa, é importante destacarmos os territórios onde hoje é o Brasil. Desde os primeiros anos do século XVI a coroa portuguesa iniciou um processo de exploração do território através do pau-brasil e, posteriormente, da cana de açúcar, o que integrava o extenso Império Colonial Português.

América Portuguesa

A produção de açúcar começou no mesmo instante que a ocupação efetiva do território colonial. O primeiro engenho foi instalado em 1533 em São Vicente, por Martim Afonso de Souza. Essa atividade econômica foi a principal da colônia até meados do século XVIII, com o descobrimento do ouro em Minas Gerais. A formação da sociedade colonial dependeu muito desta atividade econômica. No litoral nordestino surgiram as primeiras elites ligadas a terra, os senhores de engenho, que detinham latifúndios onde exerciam um forte poder patriarcal sobre a parcela livre da população.

A formação da sociedade colonial dependeu muito desta atividade econômica, tendo em vista que era o maior movimento de ocupação na colônia desde então. Surgiram, assim, as primeiras elites ligadas a terra, os senhores de engenho que detinham latifúndios onde exerciam um forte poder patriarcal sobre a parcela livre da população, já que a maioria dos serviços e bens produzidos nas vilas dependia da economia do engenho.

Inicialmente foi usada a mão de obra indígena em regime de escravidão, porém, a mortandade, a resistência indígena, as guerras com os índios, as restrições da igreja à prática e principalmente o lucro do

tráfico de escravos africanos motivaram a substituição pela mão de obra escrava africana. Com o financiamento dos holandeses, a metrópole investiu na construção de engenhos assim como na liberação de crédito para a construção de maquinário, compra de escravos etc. A economia açucareira também movimentou as atividades secundárias como a pecuária para a movimentação dos moinhos de cana.

Do ponto de vista social, a sociedade colonial brasileira era um reflexo da própria estrutura econômica. Assim, a sociedade do Nordeste açucareiro do século XVI, essencialmente ruralizada, era patriarcal, elitista, escravista e marcada pela imobilidade social. Como se pode perceber, o homem branco, proprietário de terras e escravos, tinha um papel de destaque social. Dentro de seus domínios, tinha o poder de decidir e interferir na vida dos demais indivíduos. Em relação ao papel das mulheres, especialmente as da elite, cumpriam a função de gerar filhos e educá-los, organizando e preservando o espaço privado, no caso as dependências da casa-grande. Fora dos latifúndios, o senhor de engenho também tinha grande influência e nas vilas decidia os rumos da política local, dominando as câmaras municipais. Nesta sociedade, além disso, os escravos estavam inteiramente à disposição do senhor de engenho, o que era um indicador de seu poder e justamente por isso falamos de uma sociedade escravocrata.

Invasões estrangeiras

Em 1555 ocorreu a primeira empreitada patrocinada pela coroa francesa com destino a Baía de Guanabara. Nela, grupo de franceses huguenotes (protestantes), liderado por Villegaignon e Coligny, fundaram uma colônia francesa na região do Rio de Janeiro, conhecida como França Antártica. Os grandes objetivos da expedição era participar exploração mercantil de nossas riquezas, como o Pau-Brasil e dar abrigo aos protestantes perseguidos, na França, pelo governo católico. Vale lembrar, além disso, que ela está ligada ao Tratado de Tordesilhas, já que os reis da França não aceitavam a divisão do mundo entre espanhóis e portugueses. Os franceses se aliaram índios locais, realizando contrabando de pau-brasil. Para facilitar esse contato, procuraram conhecer e assimilar os seus hábitos, o que ajudou a realizar a aliança com os tupinambás, indígenas que habitavam o litoral e que haviam se tornado inimigos dos portugueses, especialmente quando estes passaram a escravizá-los, no início da colonização do Brasil. Eles aliaram-se aos nativos, por exemplo, na Confederação dos Tamoios, ameaçando atacar as feitorias e os postos lusitanos do litoral. Para expulsar os franceses do Rio de Janeiro, os portugueses enfrentaram muitas batalhas e a sua expulsão definitiva deu origem a fundação da atual cidade do Rio de Janeiro.

Entre os anos de 1612 a 1615, os franceses tentaram se fixar na região onde atualmente é o Maranhão. A origem do nome se relaciona a localização do território, que se encontra próximo da linha do Equador, antes era denominada de linha Equinocial. O principal interesse na região era exploração das riquezas como as drogas do sertão (especiarias) e a cana-de-açúcar.

Brasil Holandês

Com a União Ibérica (após o rei de Portugal desaparecer, o trono foi assumido pelo rei da Espanha, que governou simultaneamente os dois reinos), Portugal passou a compartilhar os mesmos inimigos que a Espanha, o que afetou as relações comerciais entre portugueses e holandeses, que eram os principais compradores do açúcar produzido na América. Em 1630, a Holanda tomou a cidade de Olinda, e seguiu em direção ao interior e para dominar a capitania de Pernambuco, retomando o comércio açucareiro depois de uma forte resistência lusobrasileira. Depois de estabelecidos, os holandeses instalam um governo no local, liderado pelo Conde Maurício de Nassau.

Nassau reestruturou a colônia depois da guerra, remontando engenhos destruídos e liberando crédito a senhores luso brasileiros, principalmente de Olinda. Além disso, Nassau inovou a fabricação do açúcar, modernizou a cidade com diversas construções (inclusive um observatório astronômico e um zoológico) também incentivou a vinda de diversos botânicos e artistas para a colônia. Em 1654, após o fim da União Ibérica, os portugueses conseguiram reaver a região com a ajuda dos ingleses. Após deixar o litoral nordestino, os holandeses passaram a produzir açúcar nas Antilhas, concorrendo com o produzido na América portuguesa. Esse fato é fundamental para compreendermos a crise da economia açucareira e crescente busca por metais preciosos no território colonial.

Exercícios

1. O poder dos reis tinha, na época do absolutismo, respaldo em ideias de filósofos, como Hobbes, e fortalecia a centralização de suas ações colonizadoras no tempo das navegações. Os reis do absolutismo:
- a) encontraram apoio dos papas da Igreja Católica que concordavam, sem nenhum problema, com o autoritarismo dos reis e a existência das riquezas vindas das colônias.
 - b) eram desfavoráveis ao crescimento político da burguesia, pois se aliavam com a nobreza latifundiária e defensora dos princípios liberais.
 - c) dominaram na Europa moderna após a crise do feudalismo. Concentrando poderes em suas mãos, economicamente adotaram princípios do mercantilismo.
 - d) fortaleceram as alianças políticas entre grupos da aristocracia europeia que queriam a descentralização administrativa dos governos.
 - e) fizeram pactos com grupos da burguesia, embora fossem aliados da Igreja Católica e concordassem com a teoria do 'justo-preço'

2. Leia o fragmento

(...) entre os séculos XVII e XVIII ocorreram fatos na França que é preciso recordar. Entre 1660-1680, os poderes comunais são desmantelados; as prerrogativas militares, judiciais e fiscais são revogadas; os privilégios provinciais reduzidos. Durante a época do Cardeal Richelieu (1585-1642) aparece a expressão "razão de Estado": o Estado tem suas razões próprias, seus objetivos, seus motivos específicos. A monarquia francesa é absoluta, ou pretende sê-lo. Sua autoridade legislativa e executiva e seus poderes impositivos, quase ilimitados, de uma forma geral são aceitos em todo o país. No entanto... sempre há um "no entanto". Na prática, a monarquia está limitada pelas imunidades, então intocáveis, de que gozam certas classes, corporações e indivíduos; e pela falta de uma fiscalização central dos amplos e heterogêneos corpos de funcionários. Leon Pomer, O surgimento das nações.

Apud Adhemar Marques et al, *História Moderna através de textos*.

No contexto apresentado, entre as "imunidades de que gozam certas classes", é correto considerar

- a) os camponeses e os pequenos proprietários urbanos eram isentos do pagamento de impostos em épocas de secas ou de guerras de grande porte.
- b) a burguesia ligada às transações financeiras com os espaços coloniais franceses não estava sujeita ao controle do Estado francês, pois atuava fora da Europa.
- c) a nobreza das províncias mais distantes de Paris estava desobrigada de defender militarmente a França em conflitos fora do território nacional.
- d) os grandes banqueiros e comerciantes não precisavam pagar os impostos devido a uma tradição relacionada à formação do Estado francês.
- e) o privilégio da nobreza que não pagava tributos ao Estado francês, condição que contribuiu para o agravamento das finanças do país na segunda metade do século XVIII.

3.



Charge anônima. BURKE, P. A fabricação do rei. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Foto: Enem)

Na França, o rei Luís XIV teve sua imagem fabricada por um conjunto de estratégias que visavam sedimentar uma determinada noção de soberania. Neste sentido, a charge apresentada demonstra

- a) a humanidade do rei, pois retrata um homem comum, sem os adornos próprios à vestimenta real.
- b) a unidade entre o público e o privado, pois a figura do rei com a vestimenta real representa o público e sem a vestimenta real, o privado.
- c) o vínculo entre monarquia e povo, pois leva ao conhecimento do público a figura de um rei despretenso e distante do poder político.
- d) o gosto estético refinado do rei, pois evidencia a elegância dos trajes reais em relação aos de outros membros da corte.
- e) a importância da vestimenta para a constituição simbólica do rei, pois o corpo político adornado esconde os defeitos do corpo pessoal.

4. O texto abaixo é parte de um samba enredo.

Mas conta a história que em Veneza
O açúcar foi pra mesa da nobreza
Virou negócio no Brasil, trazido de além-mar (...)
E nesta terra, o que se planta dá
Gira o engenho prá sinhô, Bahia faz girar
E, em Pernambuco, o escravo vai cantar.

(Samba-enredo da Imperatriz Leopoldinense. "Canacaiana, cana-roxa, cana-fita, cana-preta, amarela, Pernambuco... quero vê desce o suco, na pancada do ganzá". Compositores: Guga, Tuninho Professor, Marquinho Lessa).

A alternativa que apresenta um aspecto da história do processo de trabalho, recuperado no texto, é:

- a) lavoura canavieira, onde prevalecia a relação senhor-escravo; o que está claro no trecho "Gira o engenho prá sinhô (...) o escravo vai cantar".
- b) engenho colonial produtor de aguardente e sustentado pelos barões do café, pois a letra da música lembra: "O açúcar foi para a mesa da nobreza (...) Gira o engenho pra sinhô".
- c) fábricas de açúcar europeias que compravam a cana do Brasil para beneficiar em Veneza. Isso é visível no trecho: "em Veneza o açúcar foi para a mesa da nobreza".
- d) fazenda produtora de açúcar em Pernambuco e Bahia durante o período Imperial, quando, como se enfoca no samba, o açúcar virou um negócio no Brasil "trazido de além-mar".
- e) engenho de açúcar feudal, onde prevalecia a monocultura açucareira e a grande propriedade sustentada pela riqueza da terra, como se vê no trecho: "E nesta terra, o que se planta dá".

5. “A safra começara. Era um período de intensa atividade, de idas e vindas: escravos partiam para os canaviais, carros de boi rangendo sob o peso da cana cortada dirigiam-se para a moenda, barcos chegavam ao posto carregados de cana ou lenha dos engenhos ribeirinhos ou do litoral da baía, caldeiras ferviam sobre o fogo aceso dia e noite, escravos revezavam-se em turnos na moenda e na casa de purgar, lavradores de cana apareciam para contratar o beneficiamento de sua produção. E, acompanhando tudo isso o constante ruído da moenda a extrair da cana o líquido que custava tanto suor e sofrimento e que se cristalizaria não só na doçura do açúcar, mas também em riqueza e poder”.

(Stuart Schwartz. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p.96).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a economia e a sociedade colonial brasileira, assinale a alternativa correta.

- a) O açúcar produzido na colônia era comercializado livremente pelos senhores de engenho, fato que lhes garantia maior poder de barganha junto aos mercados internacionais.
- b) A utilização em larga escala do trabalho escravo na produção do açúcar possibilitou aos senhores de engenho o acúmulo de imensas fortunas e poder político, além de constituírem um indicativo de prestígio social.
- c) A produção e fabrico do açúcar era uma atividade simples e não exigia qualquer tipo de mão-de-obra especializada.
- d) Devido a sua pouca aptidão para o trabalho, uma vez que os nativos eram preguiçosos, a mão-de-obra indígena não foi utilizada nos engenhos de açúcar.
- e) A cana de açúcar era produzida por pequenos proprietários e a maior parte de sua produção era destinada ao mercado interno.

6. Leia o texto.

"Nassau chegou em 1637 e partiu em 1644, deixando a marca do administrador. Seu período é o mais brilhante de presença estrangeira. Nassau renovou a administração (...) Foi relativamente tolerante com os católicos, permitindo-lhes o livre exercício do culto. Como também com os judeus (depois dele não houve a mesma tolerância, nem com os católicos e nem com os judeus - fato estranhável, pois a Companhia das Índias contava muito com eles, como acionistas ou em postos eminentes). Pensou no povo, dando-lhe diversões, melhorando as condições do porto e do núcleo urbano (...), fazendo museus de arte, parques botânicos e zoológicos, observatórios astronômicos"

(Francisco Iglésias)

Esse texto refere-se

- a) à chegada e instalação dos puritanos ingleses na Nova Inglaterra, em busca de liberdade religiosa.
- b) à invasão holandesa no Brasil, no período de União Ibérica, e à fundação da Nova Holanda no Nordeste açucareiro.
- c) às invasões francesas no litoral fluminense e à instalação de uma sociedade cosmopolita no Rio de Janeiro.
- d) ao domínio flamengo nas Antilhas e à criação de uma sociedade moderna, influenciada pelo Renascimento.
- e) ao estabelecimento dos sefardins, expulsos na Guerra da Reconquista Ibérica, nos Países Baixos e à fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

7. São os portugueses que antes de quaisquer outros se ocuparão do assunto. Os espanhóis, embora tivessem concorrido com eles nas primeiras viagens de exploração, abandonarão o campo em respeito ao Tratado de Tordesilhas (1494) e à bula papal que dividira o mundo a se descobrir por linhas imaginárias entre as coroas portuguesa e espanhola. O litoral brasileiro ficava na parte lusitana, e os espanhóis respeitavam seus direitos. O mesmo não se deu com os franceses, cujo rei (Francisco I) afirmaria desconhecer a cláusula do testamento de Adão que reservava o mundo unicamente a portugueses e espanhóis. Assim eles virão também, e a concorrência só resolveria pelas armas".

(PRADO Jr, Caio. HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL. São Paulo, Brasiliense, 1967.)

Segundo o texto, é correto afirmar que

- a) espanhóis e portugueses resolveriam a posse das terras da América pela força das armas.
- b) a concorrência entre Portugal e Espanha serviu de pretexto para que o rei da França reservasse a si o direito de atacar a Península Ibérica e resolver o impasse pela força das armas.
- c) os franceses não reconheceram o Tratado de Tordesilhas e, por isso, não respeitaram a posse de terras pertencentes a Portugal ou Espanha.
- d) lançando mão da "cláusula de Adão", o rei da França fundamentava a tese de que o Papa tinha todo o direito de dispor do mundo, uma vez que era descendente direto de Adão.
- e) para os franceses, os espanhóis não respeitavam o litoral brasileiro e assolavam-no constantemente porque não reconheciam, em nenhum documento, que Portugal detinha a posse das terras brasileiras.

8. Chegança
Sou Pataxó,
Sou Xavante e Carriri,
Ianonâmi, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancararu,
Carijó, Tupinajé,
Sou Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni-ô, Tupinambá.
Eu atraquei num porto muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar.
Logo sonhei que estava no paraíso,
Onde nem era preciso dormir para se sonhar.
Mas de repente me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa veio na praia atracar.
De grande-nau, Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura me apontou pra me pegar.
E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: “vão me acabar”;
Levantei-me de Borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.

NÓBREGA, A; e FREIRE, W. CD Pernambuco falando para o mundo, 1998.

A letra da canção apresenta um tema recorrente na história da colonização brasileira, as relações de poder entre portugueses e povos nativos, e representa uma crítica à ideia presente no chamado mito

- a) da democracia racial, originado das relações cordiais estabelecidas entre portugueses e nativos no período anterior ao início da colonização brasileira.
- b) da cordialidade brasileira, advinda da forma como os povos nativos se associaram economicamente aos portugueses, participando dos negócios coloniais açucareiros.
- c) do brasileiro receptivo, oriundo da facilidade com que os nativos brasileiros aceitaram as regras impostas pelo colonizador, o que garantiu o sucesso da colonização.
- d) da natural miscigenação, resultante da forma como a metrópole incentivou a união entre colonos, ex-escravos e nativos para acelerar o povoamento da colônia.
- e) do encontro, que identifica a colonização portuguesa como pacífica em função das relações de troca estabelecidas nos primeiros contatos entre portugueses e nativos.

9. Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

(SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP. n. 12, dez./jan./fev. 1991-92 – Adaptado)

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a

- a) formação de uma identidade cultural afrobrasileira.
 - b) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
 - c) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
 - d) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
 - e) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.
10. Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro, Bahia apud DEL PRIORE, M. Festas e utopias no Brasil colonial. In: CATELLI JR, R. Um olhar sobre as festas populares brasileiras. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de

- a) exclusão social.
- b) imposição religiosa.
- c) acomodação política.
- d) supressão simbólica.
- e) ressignificação cultural.

Gabarito

1. **C**

O absolutismo foi a principal característica política das nações europeias durante a Idade Moderna, caracterizado por forte centralização do poder e, nos Estados católicos, justificado como de origem divina. Os monarcas também controlavam a economia, através do mercantilismo.

2. **E**

Na França do Antigo Regime, entre os séculos XV e XVIII, a monarquia absolutista reconhecia privilégios de alguns grupos sociais. Entre esses, a nobreza tinha imunidade fiscal e uma justiça particular. Tais privilégios são anulados com a Revolução Francesa. O fragmento utilizado como apoio para a questão mostra como a monarquia absolutista não foi exatamente absolutista, pois havia limitações ao seu poder.

3. **E**

O estado se confundia com a própria pessoa do rei. Devido a isso, o soberano tendia a adornar-se assim fortalecia a imagem do estado.

4. **A**

A mão de obra escrava foi a base da empresa açucareira ao longo do período colonial.

5. **B**

A utilização da escravidão promoveu o enriquecimento dos senhores de engenho. Além disso, possuir escravos era um sinal de prestígio e poder na sociedade colonial.

6. **B**

As invasões holandesas ao nordeste estão diretamente relacionadas a União Ibérica, e as restrições do rei espanhol às alianças comerciais entre holandeses e lusos.

7. **C**

De forma geral, os países que não participaram da divisão estipulada pelo Tratado de Tordesilhas não respeitaram as suas determinações, o que pode ser percebido pelas diversas “invasões” aos territórios considerados pertencentes a Portugal ou a Espanha.

8. **E**

É sabido que o “encontro” não pode ser caracterizado como amistoso e igualitário, uma vez que se estabeleceu uma relação de dominação.

9. **A**

Tal particularidade foi possibilitada pelo contato de diversas culturas.

10. **E**

O Congado ou festa da Coroação do Rei do Congo é uma manifestação cultural que existe desde o período colonial em várias partes do Brasil. Tal festa tinha uma grande participação de escravos que faziam uma representação dos reinos existentes na África sincretizados com cultos religiosos católicos europeus. A

congada contribuía para uma ressignificação cultural de tradições africanas, ou seja, misturavam-na a tradições europeias para serem mais aceitas na sociedade branca escravista.